

Para Milliet, proposta de bancos credores ainda não é definitiva

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

A proposta apresentada ao governo brasileiro pelo comitê de bancos credores — pela qual fica expressa a disposição de refinanciar US\$ 5 bilhões dos juros vencidos e a vencer no período de 1º de janeiro de 1987 a 30 de junho de 1989 — não deve, na opinião do presidente do Banco Central, Fernando Milliet de Oliveira, ser interpretada como definitiva para a conclusão do acordo externo com os bancos internacionais.

“É uma lista de desejos”, conforme preferiu caracterizar a proposta dos credores, enfatizando que os bancos “não têm ilusões de que o acordo sairá nestes termos”. Milliet concorda que a contraproposta do comitê assessor da dívida brasileira é modesta, diante da expectativa que o governo alimentava a partir do gesto que fez, no dia 2 de fevereiro, ao realizar o pagamento de US\$ 350 mi-

lhões, referentes a 37% dos juros retidos do mês de janeiro.

Na verdade, o montante de “dinheiro novo” que os credores colocaram na mesa de negociações não passa de US\$ 2 bilhões, já que nos US\$ 5 bilhões estão incluídos US\$ 3 bilhões de refinanciamento do empréstimo de curto prazo que foi concedido ao Brasil, em entendimento preliminar acertado em dezembro passado. Um arranjo foi feito na ocasião de modo que o crédito concedido ao Brasil não fosse rebaixado para a categoria de “value impaired” (valor prejudicado) na contabilidade dos bancos norte-americanos. Milliet parece, no entanto, impressionado com a estreita contribuição contida na contraproposta: “isso não está aceito e as pessoas não devem se preocupar”.

O presidente do Banco Central, que está à testa da missão de negociadores brasileiros, também considera insatisfatório o prazo



Fernando Milliet

do refinanciamento proposto, que só cobre até a metade de 1989.

Milliet voltou ao Brasil ontem, depois de ter passado 18 dias consecutivos nos Estados Unidos. No início da noite viajou de São Paulo para Brasília, a tempo de jantar na residência do ministro da Fazenda, Mairson Ferreira da Nóbrega. O vice-presidente para operações internacionais do

Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, que também participa das negociações, chegou também ontem a Brasília junto com Milliet.

“Os bancos oferecem uma série de sugestões, mas não quer dizer que vamos estabelecer isto no acordo, eles (os representantes dos bancos) sabem que é uma proposta para ser negociada e todos os valores e montantes estão sujeitos a discussão”, atestou Milliet, que deve retornar aos Estados Unidos nesta próxima segunda-feira. Sua expectativa, dependendo da velocidade dos trabalhos, com relação às restrições feitas pelo Brasil para o balanço de pagamentos — o saldo comercial foi considerado subestimado, por exemplo — o presidente do BC disse que as alterações não chegaram a ser relevantes.

Sobre os boatos de que estaria se desligando do governo, Milliet foi sucinto: “não saio”.